



A pandemia de COVID-19 e a Atenção Primária à Saúde

Silvia Lanziotti Azevedo da Silva¹, Estela Márcia Saraiva Campos², Letícia de Castro Martins Ferreira³, Mário Círio Nogueira⁴

A COVID-19 tem pressionado os sistemas de saúde em todo o mundo, aumentando a demanda de forma rápida, pelo volume de infectados e pela complexidade exigida para o tratamento dos casos graves. As primeiras intervenções foram, em escala mundial, direcionadas a equipar os hospitais com novos leitos de Unidades de Terapia Intensiva (UTI) para doentes graves.¹ Afinal, uma das grandes preocupações no enfrentamento desta pandemia tem sido a disponibilidade de estrutura hospitalar capaz de atender os casos que requerem cuidados mais complexos. No entanto, logo ficou claro que todos os níveis da Rede de Atenção à Saúde são importantes para o enfrentamento da pandemia, pois uma APS forte, coesa, capaz de executar ações de prevenção, promoção de saúde, tratamento e reabilitação garante maior sucesso nas ações em todos os níveis.² Assim, a Atenção Primária à Saúde (APS) pode contribuir decisivamente para minimizar a incidência e a mortalidade pela COVID-19.¹

Na perspectiva de contenção da epidemia, Teixeira et. al. (2020)³ destacam que um dos mecanismos cruciais é a implementação de ações de vigilância com o objetivo de detectar o maior número possível de casos, rastreamento dos contatos, implementação de ações de controle e acompanhamento dos casos leves, como também ações de educação para saúde na perspectiva do autocuidado. Tais ações são de responsabilidade da APS, por ter maior chance de êxito quando orientadas por alguém próximo à comunidade,

¹ Doutora em Ciência da Reabilitação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. Professora Magistério Superior da Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil. *E-mail*: silviafisiojf@yahoo.com.br

² Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. Coordenadora Adjunta do Núcleo de Assessoria, Treinamento e Estudos em Saúde - NATES/UFJF.

³ Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil. Professora Assistente I da Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil.

⁴ Doutor em Saúde pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil. Professor da Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil.

especialmente pelos agentes comunitários de saúde, que atuam cotidianamente nos territórios mais próximos e vinculados às comunidades e suas famílias.

No Brasil, a pandemia da Covid-19 tem exigido a rápida reorganização dos serviços de saúde e a estruturação de fluxos de atenção. O acompanhamento dos casos com responsabilidade territorial e priorização do cuidado e do acompanhamento contínuo se constituiu numa necessidade prioritária de reorganização da rede de serviços de base territorial, ampliando as intervenções, ao colocar o cotidiano da população como ponto central do cuidado em relação a COVID-19.⁴ Dessa forma, as ações de vigilância da saúde, de responsabilidade da APS e centrais na prática das equipes da Estratégia de Saúde da Família (ESF), são fundamentais para o controle da pandemia. São recomendadas ações como acompanhamento dos casos leves e rastreamento de seus contactantes, em parceria com a Vigilância em Saúde.⁵ Os agentes comunitários de saúde (ACS) têm um papel fundamental nestas ações.⁶

No contexto da COVID-19, as equipes da ESF adotaram, em diferentes cenários, ferramentas digitais para comunicação, monitoramento e análise da situação no território, que permitiram atendimento *on-line* e promoveram a interação das equipes com os usuários e a comunidade, garantindo a oferta de ações de forma segura, sem a descontinuidade e o possível agravamento do quadro de saúde dos usuários em tratamento. As iniciativas adotadas pelas equipes da ESF para o enfrentamento da COVID-19 devem ser apoiadas pela alocação de recursos que tornem essas ações viáveis, especialmente a ampliação do número de equipes, qualificação dos profissionais, acesso a equipamentos e internet para as unidades de saúde e para a população – sobretudo, para os grupos sociais mais vulneráveis.³

REFERÊNCIAS

1. Sarti TD, Lazarini WS, Fontenelle LF, Almeida APSC. What is the role of Primary Health Care in the COVID-19 pandemic?. *Epidemiol. Serv. Saúde*. 2020; 29(2):e2020166. DOI: 10.5123/s1679-49742020000200024.
2. Dunlop C, Howe A, Li D, Allen LN. The coronavirus outbreak: the central role of primary care in emergency preparedness and response. *BJGP Open*. 2020 DOI: 10.3399/bjgpopen20X101041.
3. Teixeira MG, Medina MG, Costa MCN, Barral-Netto M, Carreiro R, Aquino R. Reorganização da atenção primária à saúde para vigilância universal e contenção da COVID-19. *Epidemiol. Serv. Saude, Brasília*. 2020; 29(4):e2020494. DOI: 10.5123/S1679-49742020000400015
4. Sales CMM, Silva AI, Maciel ELN. Vigilância em saúde da COVID-19 no Brasil: investigação de contatos pela atenção primária em saúde como estratégia de

proteção comunitária. *Epidemiol. Serv. Saude.* 2020; 29(4):2020373. DOI: 10.5123/S1679-49742020000400011

5. Harzheim E, Martins C, Wollmann L, Pedebos LA, Faller LA, Marques MC, et al. Ações federais para apoio e fortalecimento local no combate ao COVID-19: a Atenção Primária à Saúde (APS) no assento do condutor. *Ciência & Saúde Coletiva.* 2020; 25(6):2493-97. DOI: 10.1590/1413-81232020256.1.11492020
6. Maciel FBM, Santos HLPC, Carneiro RAS, Souza EA, Prado NMBL, Teixeira, CFS. Agente comunitário de saúde: reflexões sobre o processo de trabalho em saúde em tempos de pandemia de Covid-19. *Ciência & Saúde Coletiva.* 2020; 25(Supl.2):4185-95. DOI: 10.1590/1413-812320202510.2.28102020